



NEWTON G. DE BARROS

OLHAI AS AVES DO CÉU



PONGETTI



A. PIMENTA DE MORAIS

da ARCÁDIA IGUAÇUANA DE LETRAS, escreve sobre "OLHAI AS AVES DO CÉU"

"não precisa de crítica, prefácio, ou apresentação. O autor já tem o seu público e tudo aquilo que se dissesse, laboriosamente, não iria aumentar ou diminuir os seus leitores.

"Senectude" é um belo soneto, vale todo o livro... Eis tudo."

Novembro de 1961.

Palavras sobre "PRIMEIRO, A TRAVE DE TEUS OLHOS"...

LEOPOLDO MACHADO

(Da Arcádia Iguaçuana de Letras)

Newton Gonçalves de Barros já nos tem dado seus originais para ler. Mas sua impaciência e nossa displicência não nos têm permitido a leitura inteira de nenhuma de suas peças anteriores.

Desta vez, lemos, entretanto, todo o seu "PRIMEIRO, A TRAVE DE TEUS OLHOS..."

Aliás, por imposição do autor, que nos disse ao telefone, mais ou menos:

— O calor aí, no LAR DE JESUS está forte demais? E você quer quebrá-lo com a leitura de um original que exige a sua apresentação? Trata-se de um livro destinado, principalmente, a preparar os moços para o conhecimento das coisas da palingenésia, no desejo sincero de espiritualizar essa mocidade que...

O livro veio. Folheamo-lo. Duas surpresas, para logo, nos assaltaram o espírito: seu título e sua dedicatória.

O título dá-nos a idéia de um livro doutrinário, conceituoso, elaborado à feição de um compêndio de

OLHAI AS AVES DO CÉU

Do Luis e Larissa,  
"Primeiro da amizade  
as filhos  
com + inaferrável  
20. II. 62

NEWTON G. DE BARROS

# OLHAI AS AVES DO CÉU

1962  
IRMÃOS PONGETTI EDITORES  
RIO DE JANEIRO



#### HOMENAGEM

*a todos aquêles que lutam no mundo  
inteiro pela salvação do menor abandonado*

— . —

#### GRATIDÃO

*aos que me ofereceram seus versos em seus  
livros*

*Amadeu Santos*

*Sebastião Lasneau*

*Z. de Paula Barros*

*José Brasil*

— . —

*A Allan Kardec Baptista*

*paternalmente*

## LAMENTOS

### PRIMEIRA PARTE

Salmos (cap. 118) de David.

ALEPH

Maria  
minha alma chora

Lamentos rolam  
cristalinos  
roxos  
pela face  
Do plúmbeo céu  
de escuras nuvens  
tristes  
úmidas gôtas  
frias  
descem lentas



BETH

Maria  
minha alma chora

Os sonhos puros  
da primeira infância  
fugiram todos  
esvaídos  
tontos  
na fluidez azul  
das tardes iantinas

GIMEL

Maria  
minha alma chora

O amor singelo  
casto  
esperançoso  
morreu menino  
adolescente  
virgem

DALETH

Maria  
minha alma chora

As esperanças verdes  
fortes  
juvenis  
esmaeceram  
lassas  
sem roteiros  
nos amargos volteios  
dos confrontos

HE

Maria  
minha alma chora

A lida diuturna  
do labor sagrado  
pelo bendito pão  
saudável  
do saber  
arrasta pesarosa  
modorrenta  
amorrinhante  
o moribundo esforço  
de viver



## VAU

Maria  
minha alma chora

E os músculos viris  
das fôrças varonis  
atléticas  
de louros  
de vitórias  
embriagam vontades  
entorpecem sonhos  
Aniquilados  
Trôpegos  
Cediços

## ZAIN

Maria  
minha alma chora

Os versos brancos  
das manhãs de luz  
não vibram mais  
as cordas harmoniosas  
das melodias  
sorridentes  
leves

## H E T H

Maria  
minha alma chora

O aconchêgo terno  
aos pequeninos  
já não conta sorrindo  
gracioso  
as estórias de fadas  
sonhadoras  
E olha vasio  
a fome  
a orfandade  
a ignorância  
o frio

## T E T H

Maria  
minha alma chora

A caridade irmã  
humilde  
fraternal  
amargurou-se  
no egoísmo duro  
acutilante  
revoltado  
mau



IOD

Maria  
minha alma chora

A fé adulta  
poderosa  
mística  
malbaratou a caminhada  
excelsa  
no aclave ultriz  
atroz  
das trilhas traiçoeiras

CAPH

Maria  
minha alma chora

E a languidez  
da morte  
ronda  
oprime  
o cansado coração  
de duras lutas  
ríspidas  
ferinas

## L A M E D

Maria  
minha alma chora

As torrentes de lágrimas  
romperam  
a represa frágil  
dissolvente  
da crença irracional  
E o espírito frio  
indiferente  
espera mudo  
afinal  
destruições e morte  
no dilúvio da dor  
universal

## M E M

Maria  
sou filho também  
À porta bato  
do teu coração  
pedindo bênçãos  
e pedindo pão  
para a minha alma  
e a de meus irmãos



## N U N

Maria luminosa  
imaculada  
colorida de rosa  
e de alegria  
na fímbria ouro-anil  
dos montes claros  
deslumbrou  
E minhas lágrimas  
terna  
transmudou

## S A M E C H

Meus filhos  
olhai as aves do céu

As aves que voam  
as aves que cantam  
as aves que sonham  
as aves que amam  
as aves que oram  
as aves que entoam  
um hino ao Senhor

Não tecem  
Não fiam  
qual lírios do campo  
Confiam sorrindo  
nas bênçãos do Amor

AIN

Meus filhos  
olhai as aves do céu

Nem reinos  
nem sábios  
subiram tão alto  
cantaram tão doces  
amaram tão castos  
sonharam tão alvos  
seus sonhos  
de amor

PHE

Meus filhos  
olhai as aves do céu

que voam  
que cantam  
que sonham  
que oram em surdina  
as preces do Bem

Nem padres  
nem freiras  
nos claustros serenos  
disseram tão leve  
as preces de Amor



## S A D E

Meus filhos  
olhai as aves do céu

Que tecem bordados  
e rendas de luz  
no pano azul-claro  
do manto de Deus

Nem anjos  
nem virgens  
no simples tear  
jamais conseguiram  
nos brancos vestidos  
tão ternas vaidades  
em sonho  
aplicar

## C O P H

Meus filhos  
olhai as aves do céu

Que riscam velozes  
no plano infinito  
as curvas douradas  
as retas mais justas  
cruzando arabescos  
de côres sublimes  
nas telas sem fim

Nem ricos pintores  
nem meigos amôres  
fizeram tal rêde  
trançada  
enleuada  
dê sonhos de Amor

## RES

Meus filhos  
olhai as aves do céu

Que embalam  
que envolvem  
que enfeitam  
que amparam  
as mil avesitas  
em ninhos sedosos

Gorgeios dormentes  
penugens de amor  
Nos lares sômente  
dos vales  
dos montes  
as Mães se desvelam  
qual aves do céu

## SIN

Meus filhos  
olhai as aves do céu

As lutas  
os crimes  
borrascas  
vulcões  
na entranha da terra  
no fundo dos mares  
nos peitos profundos  
são manchas fugazes  
pequenas  
sem vida  
que fogem  
que passam  
no olvido dos tempos



T A U

Meu filho

Esquece  
Caminha  
Restaura energias  
Prepara teu vôo  
aos céus côr-de-anil

A noite passou  
A chuva parou  
O risco do raio  
as dôres feriu

É quase manhã

O sol dadivoso  
teus olhos secou  
Sorri trabalhando

Trabalha sorrindo  
Que as glórias eternas  
despertam louças.

A prece feraz  
aos céus alevanta  
ouvindo com fé  
em terna esperança  
os versos do hinário  
do eterno Senhor  
que as aves entoam  
nos cantos do Amor

## LÁGRIMAS

### SEGUNDA PARTE

Bem aventuranças (cap. 5, vers. 5) Sermão do Monte de Jesus.



## QUADRAS

Avó Mãe Espôsa Filha  
quatro nomes de uma flor  
despetalando nas lágrimas  
ternos perfumes de amor

Os versos cantam chorando  
muitas lágrimas de luz  
nos corações fecundando  
as sementes de Jesus

## TERCETOS

Lágrima da infância  
gôta — pureza  
da esperança em marcha

Lágrima da juventude  
gôta — sonho  
das primícias do amor

Lágrima da velhice  
gôta — saudade  
nas ânsias da ressurreição

Lágrima da noite  
gôta — orvalho  
dos ancenúbios da madrugada

Lágrima do dia  
gôta — chuva  
na fecundação da sementeira

Lágrima dos pobres  
gôta — justiça  
na ascese da perfeição

Lágrima dos ricos  
gôta — enfado  
na redescoberta da vida

Lágrima dos montes  
gôta — fonte  
no nivelamento da sedimentação

Lágrima dos vales  
gôta — ascensão  
nos anseios da palingénésia

Lágrima da dor  
gôta — reharmonia  
na justiça da redenção

Lágrima de Maria  
gôta — consolação  
nos corações que choram



## BÊNÇÃO

Meu filho  
há lágrima em tudo

Nas chuvas do céu  
no rio que rola  
nas aves feridas  
no galho partido  
na rosa que murcha  
na infância sem Mãe  
nas jovens ingênuas  
no velho asilado  
nas ondas que espumam  
nos olhos que rezam  
no ventre fecundo  
no oásis sozinho  
na fonte que corre  
no fruto que cái  
na virgem que casa  
nos mares sem fim  
Só tu não mais choras  
bem perto de mim

## DÍSTICOS

Lua — lágrima platinada  
das noites trisonhas

Sol — lágrima refulgente  
das madrugadas frias

Flor — lágrima colorida  
de natureza muda

Saudade — lágrima hialina  
do amor incompreendido

Dor — lágrima fecunda  
de redenção remota

Prece — lágrima redentora  
da fé em renascença

Fraternidade — lágrima niveladora  
do bem universal

Amor — lágrima irmã  
da perfeição em marcha

## EM BOTÃO

Casa rica  
ou casa pobre  
De cimento ou lata velha  
Na colina ou pantanal

Gente nobre  
ou pé-no-chão

O filho nasce igualzinho  
Prende sempre o coração

Lordking ou Zé Balão  
não há diferença não

## NO SERTÃO

Mata virgem da vida

Tronco grosso  
tronco feio chato largo  
Cipó comprido  
torcido  
Caule magrinho  
coitado  
espichadinho medroso  
braço magrela estirado  
pedindo um tico de sol

Tronco grosso não dá não

Sai tudo que eu vou passar

Samambáias cobrem tudo  
vivendo só pelo chão  
Solidárias  
Fecundas  
Milenárias



## MATA VIRGEM DA VIDA

Orquídeas riem  
gargalham  
vestidas de tôda côr  
Não trabalham

Sou bonita caprichosa  
podem vir me admirar

Caules altos  
magros  
gordos baixos feios tortos  
Mestiça democracia

A luz nem sempre penetra  
Um raio sòmente espia  
Vem a aurora  
Vai a noite  
Vem a noite  
Vol ta o di a

## FLAMBOYANT

Fogueira rubra de flor  
sorrindo no riso aberto  
forrando a terra  
de amor

O sol não passa  
Espia  
Respeita  
Esfrola  
se acalma

Vem o vento da maldade  
Sopra frio  
rijo forte

Tudo que é belo acabou

A primavera se foi  
O inverno triste chegou

## RETRATO

Muita gente é mata virgem

Mata virgem sim senhor

Cara feia escura muda  
Fechada no inverno frio  
Na primavera sisuda

Só cresce no tronco espinho  
Nem João-de-barro faz ninho

As orquídeas olham só

Sorriso  
sol-de-alegria  
lá dentro não nasce não

Sol poente eternamente  
Tristeza tristeza só  
Esperança nunca chega  
Só amargura chegou

## QUADRO

Contorno verde de serra  
O lago calmo sereno

Espelho falso porém  
Há lodo preto profundo

Mas ninguém vê

Neste mundo

Neste Ninguém

Ninguém neste mundo vê



## Z É B A L Ã O

Zé Balão nasceu famoso  
na ex-capital federal

Sua mãe  
prêta retinta  
morava no Corcovado  
Êsse mesmo sim senhor  
O morro de Jesus Cristo  
de cimento e de farol

Na casa dela no morro  
havia sombra  
havia sol  
Chovia dentro também

Construção de bossa nova  
Funcional  
Fôrro de lata-de-banha  
de vinte quilos talvez  
Paredes bem ventiladas  
caixotes de querosene

Chão batido  
fresco prêto gostoso  
Gostoso pra pé-no-chão

Ladeiras em caracol  
estilizadas

Lata vasia pra baixo  
Lata cheia pra subir

“Se a turma lá do morro  
fizer greve e não descer  
a cidade vai ficar triste  
carnaval vai morrer”

A fila da escola começa  
à meia noite dos sete anos

É casada  
Não Senhora Ajuntada  
Seu nome  
Maria da Conceição de Jesus

O pai dêle  
Não tem não senhora  
Nasceu também da taquara  
De mim mesma patroa  
(Essa é boa)



Aguarde vaga A seguinte  
Maria de Jesus também  
Bedel me traga papel  
Papel carbono É favor

A vaga é na cinelândia  
Dá um cruzeiro moço  
Vá pru diabo moleque

Amendoim torrãozinho  
Bala de mel Chocolate  
Vai graxar seu moço  
Carrinho de feira madame

Zé Balão serviu sete anos  
à miséria  
Não a êle  
mas a ela  
Zé Balão ou Zé Lambão  
já é sujo molecote  
Analfabetizado  
Escrachetado  
Malcriado

Pensamento mau ninguém vê  
nem ouve

Uhn  
um pãozinho cheiroso  
quentinho  
gostoso  
Um só

Pega Pega Pega ladrão

“E foi assim que começou  
a ser ladrão  
o Zé Balão

Pão Pão”

## ADOLESCÊNCIA

Eu estava no terceiro ano ginasial  
Luci no quarto ano  
Luci coitadinha  
Muito atenciosa às aulas  
Muito meiga  
Muito es tu di o sa  
Eu  
estão vendo  
graciosa elegante  
alma de artista  
Lá isso de estudar Bem  
eu es tu do  
Não se compreende uma artista  
que não conheça História  
que não fale francês  
que não converse sobre literatura  
Uma prova de que estudo  
Ei-la

Havia um professor de português  
no meu ginásio

moreno alto saudável  
suas aulas me prendiam  
sèriamente  
a atenção  
Que prazer ouvir as suas aulas  
Que dicção  
que gestos  
que seriedade  
Como eu gostava das aulas de português

Um dia Luci  
tôda chorosa  
chamou-me a um banco do jardim  
e segredou-me

Jamais direi a ninguém  
A ninguém

Desde êsse dia  
minha vida transformou-se  
Não me alimentava bem  
Dormia intranqüilamente

Sentia um angústia inexplicável  
Às vezes  
uma profunda piedade de Luci  
Outras  
desejava que não existisse  
para não sofrer tanto



Após os exames  
recebidos os diplomas  
Luci penetrou  
radiosa  
em minha casa  
Que transformação  
Trazia uma carta junto ao peito  
A fôlha côr-de-rosa de papel  
falava na simpatia de Luci  
Suas virtudes  
sua simplicidade  
sua inteligência  
sua meiguice  
seu coração

Silenciara sua afeição  
até aquêlê dia  
pela disciplina do colégio  
o professor de português

Rimo-nos a valer  
Pulamos  
Cantamos muito  
Para mim uma grande emoção  
Uma gran de a le gri a

Desde êsse dia  
aumentou o meu fastio

a minha insônia  
a minha tristeza  
Tive ódio do professor de português  
Não sei porque  
mas tive  
Desejei que Luci morresse  
Desejei sim  
Não sei porque mas desejei  
Chorei muito  
Não sei porque mas chorei

Às tardinhas  
na Ave-Maria  
com um sol arroxeadado  
e uma quietude de sepulcro  
sentia angústias indescritíveis  
uma saudade imensa  
uma tristeza amarga  
um desespêro sufocante  
Que desejo de morrer  
E ser enterrada de branco  
Que vontade de ir para a montanha  
tôda anilada  
fria e alta  
E ficar lá  
esquecida do mundo  
Sob um coqueiro solitário



olhando vagamente  
para o infinito

Papai acha que fiquei moça  
O médico descobriu-me  
alergias  
O diretor falou  
que estudo demais  
O padre mandou-me  
aumentar as ladainhas  
A orientadora conversou  
sobre a minha idade  
Os colegas dizem  
vejam que absurdo  
"É paixonite aguda"

Eu sinto que não é nada disso  
Nada disso  
E ninguém me entende  
E ninguém me compreende  
Oh  
Se alguém pudesse ouvir  
o que eu não sei dizer

## SENECTUDE

Já é bem longa a estrada percorrida  
Breve silêncio Ouço a memória E vejo  
como foi boa e doce a minha vida  
E satisfeito e calmo eu a revejo

Não tem sulcos profundos nem ferida  
que diluir não possa num lampejo  
Não há mágoa ferina ressentida  
Nem extremos de frio Ou quente beijo

Oh minha estrada percorrida Extensa  
Mas eu a quero Como a sinto amada  
O amor A profissão Um sonho A crença

Por tudo enfim Talvez por quase nada  
Eu sinto na alma esta vontade imensa  
de principiar de novo a caminhada



## DIÁLOGO

Um líder pede o Mundo em ansiedade atroz  
Alguém que me chefie e tenha forte a voz  
Alguém que da ciência aos páramos chegasse  
e como grande sábio às multidões falasse  
Artista ou general Um gênio Um professor  
Alguém que empunhe forte o cetro de senhor

E ouviu-se a voz da História humilde a divagar

Oh pobre Humanidade ao léo a caminhar  
Porque tão infeliz caminhas neste mundo  
buscando na matéria o gôzo mais profundo  
Não ouves do passado um eco milenar  
de sã filosofia augusta a te falar  
De Sócrates Platão do velho estagirita  
onde a lógica audaz e a pregação bendita  
Das grandes religiões que o homem conheceu  
onde guardas o Bem que o céu te concedeu  
Do nobre Gilgamés aos sonhos do Nirvana  
do Nilo fabuloso às lendas do Purana  
Do Tigre legendário ao brilho do Corão  
são séculos de leis ao puro coração

A ciência do hieroglifo ao cérebro falou  
da múmia secular que o mago conservou  
Da idade do metal aos astros dos caldeus  
a ciência deu ao mundo ilustres corifeus  
que vieram qual um facho em noite levantina  
trazendo clara luz à criação divina  
E ao sol do claro Bem e à luz dessa Verdade  
o Belo sempre trouxe encanto e amenidade

Buscando na memória os sonhos que viveu  
A voz da Humanidade à História respondeu

Querendo eternizar os reis do imenso Egito  
guardei os corpos vís em monstros de granito  
Um deus eu procurei às margens do Jordão  
o orgulho exacerbou meu pobre coração  
Nas artes — a mais pura — a Grécia foi divina  
E Venus adorei em graça peregrina  
Com Bacon Newton Comte e da experiência o gênio  
eu tive o bem-estar E a bomba de hidrogênio  
Mas tudo vai passando em seu fulgor falaz  
E nada me deixou tranqüilidade e paz

Agora busco em vão um líder mais completo  
capaz de realizar meu sonho predileto

E disse a História meiga — a mestra desta vida



Nem sempre uma aventura é a nossa preferida  
Já teve a Humanidade um gênio tutelar  
que o Bem pregou feliz no exemplo modelar  
Poeta divinal seu verso doce atrai  
“Os lírios virginais nos campos contemplai”  
Qual químico veraz nas bodas de Caná  
fêz vinho de água pura aos olhos de Judá  
Juiz e acusação no popular dilema  
jogando a humana lei de encontro à lei suprema  
falou ao povo hebreu onde outra lei não medra  
“Se não tem culpa alguém que atire então a pedra”  
Foi médico sagaz das almas em delírio  
e os corpos maus lavou das chagas do martírio  
Foi meigo professor falando aos pequeninos  
Amparo do transviado e exemplo aos juveninos  
Espírito feraz no meio de doutôres  
sorveu a taça — humilde entre ladrões — de horrores

Modêlo para o rico Estímulo dos pobres  
encheu os corações de aspirações mais nobres  
Filósofo fecundo em pregações de amor  
não escreveu jamais no divinal labor

Se queres possuir real felicidade  
se queres caminhar por tôda a eternidade  
mantendo junto a ti teu sonho predileto

na trilha divinal do líder mais completo  
repõe cheia de fé no próprio coração  
a paz a caridade o amor ao teu irmão

Verdade Belo e Bem a tríade de luz  
terás eternamente ao lado de Jesus

## ÍNDICE

### LAMENTOS

#### Primeira Parte

Aleph	9
Beth	10
Gimel	11
Daleth	12
He	13
Vau	14
Zain	15
Heth	16
Teth	17
Iod	18
Caph	19
Lamed	20
Mem	21
Nun	22
Samech	23
Ain	24
Phe	25
Sade	26



Coph	27
Res	28
Sin	29
Tau	30

## LÁGRIMAS

### Segunda Parte

Quadras	35
Tercetos	36
Bênção	38
Dísticos	39
Em botão	40
No sertão	41
Mata Virgem da Vida	42
Flamboyant	43
Retrato	44
Quadro	45
Zé Balão	46
Adolescência	50
Senectude	55
Diálogo	56
MINHA CRÍTICA — Maria Helena da Silveira	63

### APÊNDICE:

Uma Campanha de Salvação Nacional	65
-----------------------------------	----

## MINHA CRÍTICA

MARIA HELENA DA SILVEIRA

Newton de Barros nasceu em S. Paulo, como poderia ter nascido no Rio ou no Território do Amapá. Sua poesia não é local, não é regional. Seus temas são universais. A dor humana, o amor.

Nada há que o defina como o cantor dêste ou daquele aspecto paisagístico, ou de costumes. Seus vãos são mais altos, transcendentes.

Sentimos, mesmo, que ao abordar um "assunto comum", êle se dilui um pouco, perdendo, em qualidade, a sua poesia.

Sua espontaneidade, tão bela em certos poemas, deixa-se ficar para trás, a fim de retratar uma face, talvez dolorosa, talvez pitoresca da vida, mas que quebra seu ritmo poético.

Não é nesses instantes que mais gosto do que escreve. Gosto, quando deixa de lado a vontade de executar alguma obra social e mergulha de olhos fechados em plena redescoberta de formas expressivas. Aí nós vamos encontrar o verdadeiro poeta, capaz de levantar, diante de nossos olhos, a barreira cerrada de seus argumentos convincentes. E nós sentimos com êle e choramos com êle.

Digo choramos, porque há uma nota de profunda melancolia na poesia de Newton de Barros. Melancolia trazida pelo conhecimento da precariedade das coisas efêmeras da vida. Tudo passa, deixando apenas o traço amargo, ou a dor suave, na nossa espe-



rança. Com a sua alma, que parece captar tôdas as expressões do sentimento, tôdas as manifestações do amor humano, Newton transporta, para sua poesia, essa tristeza. Por isso há uma constatação enérgica do sofrimento humano, quando diz: "Maria, minha alma chora", em seus "Lamentos".

"Minha alma chora" quer dizer: todo o meu sêr se curva diante do desmoronamento das coisas boas, das horas felizes.

Entretanto, êste conhecimento não o aniquila, e é com enorme fé que volta para a criação divina, para as aves do céu que nos trazem uma mensagem de paz.

Há uma nota de profunda melancolia na poesia de Newton de Barros. Mas há, também, uma profunda aceitação cristã.

Reconhecer o sofrimento é comum. Tôda a humanidade tem que sofrer, tem que pagar o seu tributo à dor. Aceitar o sofrimento. Isto é o que se torna difícil. Recebêmo-lo como um castigo, gritamos, blasfemamos e não procuramos o bem que êle nos poderá trazer. E Newton nos ensina a paciência, quando diz: Esquece, caminha Restaura energias. Prepara teu vôo aos céus côr-de-anil. A prece feraz aos céus alevanta ouvindo com fé em terna esperança os versos do hinário do eterno Senhor, que as aves entoam nos cantos de Amor.

O tom bíblico, que assume na primeira parte de seu livro, dá um sentido de unidade muito grande aos poemas. Recorrendo às fontes imortais dos Livros Sagrados, êle foi abeberar-se no que de mais puro há na linguagem poética universal.

Por todos êstes fatores, só tenho que agradecer ao poeta; mais esta lição de amor, de fé, de humanidade e de poesia.

## APÊNDICE

### UMA CAMPANHA DE SALVAÇÃO NACIONAL



## ESTATUTOS

### CRUZADA DE EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE

(C E F)

#### Cap. I — DA FINALIDADE

Art. 1 — A Cruzada de Educação e Fraternidade, de sigla CEF, é uma instituição de âmbito nacional, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, cuja finalidade é a assistência e a educação dos menores abandonados, em todo o território nacional.

Art. 2 — Como a execução do seu plano decorre de múltiplos fatores, a CEF planejará e fará intercâmbio com as instituições que promovam:

- a) o amparo à maternidade;
- b) a reeducação dos desajustados sociais;
- c) ação continuada e persistente pelo soerguimento econômico, intelectual, técnico e moral da sociedade brasileira.

#### Cap. II — DA DIREÇÃO

Art. 3 — A CEF será dirigida:

- a) por um Conselho de Supervisão Nacional (CSN);
- b) por um Conselho Técnico Consultivo (CTC);



c) por Conselhos Municipais Executivos (CME);

§ Único — Nos municípios de mais de quinhentos mil habitantes poderá existir mais de um CME, independentes.

Art. 4 — O CSN será constituído de quinze membros natos inclusive o presidente do Departamento Nacional da Criança, em exercício, se aceitar.

Art. 5 — Haverá sempre, seis representantes do sexo feminino no CSN, pelo menos.

§ Único — Oito membros do CSN proporão ao Presidente, em uma lista tríplice, o candidato à vaga do CSN, ocorrida nos casos previstos, desligamentos ou mortes.

Art. 6 — A maioria dos CME, existentes no Brasil, poderá propor ao Presidente, da CEF, a renovação de um conselheiro do CSN, de seis em seis anos, recaindo a substituição sobre o de menor possibilidade de trabalho eficiente, ou por sorteio.

Art. 7 — O CTC será constituído de número ilimitado de membros, especializados em conhecimentos úteis à CEF.

§ Único — Os membros do CTC são convidados pelo CSN para uma colaboração em períodos de três anos.

Art. 8 — Os CME são constituídos de número ilimitado de membros, sendo um representante de cada:

- a) instituição local de assistência social;
- b) estação de rádio local e tv.;
- c) jornal independente, política e religiosamente;
- d) educandário com mais de quinhentos alunos;
- e) instituição religiosa que mantenha o seu templo ou casa de orações, de acordo com as leis em vigor;
- f) unidade militar sediada no município;
- g) associação de comerciantes;
- h) associação de industriais;
- i) associação de agricultores;

j) associação cultural — desportiva, com mais de quinhentos sócios.

§ 1.º — Em cada CME haverá sempre, maioria absoluta de representantes do sexo feminino.

Art. 9 — As funções e cargos dos CSN, CTC e CME não poderão ser remunerados pela CEF.

§ 2.º — O exercício de cada CME será por três anos.

### Cap. III — DOS SÓCIOS

Art. 10 — São sócios efetivos da CEF todos os cidadãos idealistas, maiores, que contribuam com um mínimo de cruzeiros mensais para a CEF, fixado sobre o salário mínimo da região.

Art. 11 — Os menores de idade comporão um quadro de sócios aspirantes, colaboradores da CEF através das artes.

Art. 12 — Os primeiros componentes dos CSN e CME serão sócios efetivos-fundadores da CEF.

Art. 13 — Os membros do CSN e CME perderão o seu cargo automaticamente:

- a) quando candidatos a cargos públicos eletivos, três meses antes das eleições;
- b) por atividades contrárias às leis do país;
- c) por atividade política sectarista e odiosa;
- d) por atividade religiosa sectarista contrária à harmonia social e à fraternidade.

Art. 14 — É um direito do sócio efetivo, de cada CME, eleger, no segundo semestre do terceiro ano, o novo CME entre os sócios efetivos de uma lista tríplice, enviada à assembléia pelas instituições previstas no artigo oito.

§ Único — As eleições serão por escrutínio secreto.



#### Cap. IV — DAS ATIVIDADES

Art. 15 — O primeiro CME será de iniciativa de um elemento de qualquer instituição prevista, autorizado pelo CSN.

Art. 16 — A primeira iniciativa do CME é promover a estatística:

- a) das instituições sociais de assistência do município, suas deficiências e possibilidades;
- b) das indústrias locais e possibilidades de aprendizagem para menores;
- c) dos analfabetos e crianças sem escolas, e sem lar;
- d) das "favelas" e seus problemas.

Art. 17 — O objetivo imediato e urgente do CME é a granja-escola, próxima à cidade;

- a) fazendo dela sua sede social;
- b) procurando transformá-la em um grande lar de ambiente psico-bio-sociológico sadio;
- c) retirando a renda máxima de suas plantações, pequenas indústrias e criações, a fim de torná-la auto-suficiente.

§ 1.º — As granjas-escolas serão numeradas pelo CSN obedecendo a ordem cronológica de fundação.

§ 2.º — Excepcionalmente, a granja escola poderá ser designada pelo nome do doador da área da granja escola; nunca inferior a dez mil metros quadrados.

Art. 18 — A terceira iniciativa do CME será o Lar Transitório; triagem de todos os recolhidos pelo Batalhão Feminino da CEF.

Art. 19 — O CSN será o órgão controlador das atividades do CTC e CME:

- a) procurando especializar as granjas-escolas de acordo com um planejamento nacional;

- b) suprimindo as deficiências das G. E. menores e orientando os rendimentos das maiores;
- c) supervisionando, assistindo, apoiando técnica, moral e materialmente os CME.

#### Cap. V — DA MANUTENÇÃO

Art. 20 — As granjas-escolas e os Lares Transitórios serão mantidos pelas mensalidades dos sócios efetivos, doações, subvenções e rendas de origem honesta e legal.

Art. 21 — O CSN receberá, de cada CME, uma quota crescente, para o fundo nacional da CEF.

Art. 22 — O fundo nacional da CEF será destinado a empréstimos sem juros às granjas-escolas, e Lares Transitórios, e às despesas do CSN.

§ Único — As despesas do CSN nunca excederão de um décimo da quota anual prevista e serão feitas com:

- a) a secretaria;
- b) a sede;
- c) os funcionários;
- d) a biblioteca especializada;
- e) os cursos de formação de assistentes das granjas-escolas;
- f) a revista especializada da CTC;
- g) a edição de livros para menores.

Art. 23 — O presidente movimentará o fundo nacional da CEF, autorizado pela maioria dos conselheiros do CSN.

§ Único — O fundo nacional da CEF será depositado, no Banco do Brasil ou Caixa Econômica Federal.

#### Cap. VI — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 24 — Todos os funcionários da CEF, em todo o território nacional, satisfarão a duas condições:



a) serão pais, irmãos ou responsáveis legais pelos assistidos, preferencialmente;

b) serão empossados após um concurso elaborado pelo CSN.  
Art. 25 — Cada CME enviará ao CSN semestralmente, um relatório de suas atividades.

§ Único — Do relatório constarão também, os balancetes já publicados nos jornais locais, mensalmente.

Art. 26 — Cada CME terá um Regimento Interno.

§ Único — Esse regimento será enviado ao CSN para aprovação.

Art. 27 — O CSN aprovará estes Estatutos.

§ Único — Somente o CSN pode alterá-lo, pela unanimidade de conselheiros, de três em três anos.

Art. 28 — O segundo domingo de maio será o dia de festa nacional da CEF, em homenagem às Mães.

Art. 29 — O patrimônio material da CEF, em caso de dissolução, reverterá em benefício do Departamento Nacional da Criança.

Art. 30 — O CSN solucionará os casos omissos nos Estatutos.

Art. 31 — Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 32 — Trinta dias após a aprovação dos Estatutos, o CSN aprovará o seu Regimento Interno.

Art. 33 — A sede provisória da CEF será...

Art. 34 — São membros natos e vitalícios do CSN os cidadãos que assinam a ata de filiação.

Correspondência:

Caixa Postal 10 (dez).  
(Nova Iguaçu) — R. J.

## CRUZADA DE EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE (CEF)

### CONSELHO DE SUPERVISÃO NACIONAL (CSN)

#### REGIMENTO INTERNO

#### Cap. I — DAS FUNÇÕES

Art. 1 — Os conselheiros do CSN elegerão entre si, nas vésperas do dia das Mães, anualmente:

- a) presidente (um) vice-presidente (um);
- b) diretor executivo (um);
- c) " secretário (dois) — 1.º e 2.º secretário;
- d) " financeiro (dois) — 1.º e 2.º;
- e) " jurídico (dois) — 1.º e 2.º;
- f) " de assistência social (dois) — 1.º e 2.º;
- g) " de educação (dois) — 1.º e 2.º;
- h) " de imprensa, rádio, tv e teatro (dois) — 1.º e 2.º

Art. 2 — Compete ao Presidente:

- a) presidir as reuniões do CSN;
- b) assinar o plano financeiro semestral, do Fundo Nacional aprovado pelos conselheiros;
- c) anunciar as vagas do CSN e preenchê-las de acordo com os Estatutos;
- d) procurar meios de colocar Rádio, Teatro, TV e Imprensa a serviço da CEF;
- e) apresentar ao CSN, o relatório anual da CEF;
- f) representar a CEF no Brasil e no estrangeiro;



- g) representar a CEF em Juízo;
- h) cumprir e fazer cumprir os Estatutos.

Art. 3 — Compete ao Vice-Presidente: substituir o presidente nos seus impedimentos.

Art. 4 — Compete ao Diretor Executivo:

- a) substituir o vice-presidente nos seus impedimentos;
- b) fazer cumprir as deliberações aprovadas em reunião do Conselho;
- c) estabelecer o entrosamento das atividades do CSN, CTC e CME;
- d) encaminhar estudos para o CTC;
- e) assinar toda correspondência interna e externa com um diretor secretário;

Art. 5 — Compete aos diretores Secretários:

- a) substituir o Diretor Executivo no seu impedimento;
- b) redigir as atas das reuniões;
- c) redigir a correspondência da CEF, interna e externa;
- d) organizar a secretaria;
- e) manter um fichário completo de conselheiros e conselhos municipais.

Art. 6 — Compete aos Diretores Financeiros:

- a) receber as quotas dos CME e depositá-las;
- b) receber subvenções, doações, rendas diversas e depositá-las;
- c) apresentar em reunião o planejamento das despesas do CSN;
- d) assinar recibos e cheques com o Presidente ou Vice-presidente;
- e) apresentar em reunião, os estudos sobre pedidos de empréstimos;
- f) organizar o balancete mensal da CEF.

Art. 7 — Cabe aos Diretores Jurídicos:

- a) manter a CEF de acordo com as leis em vigor;

- b) defendê-la em juízo;
- c) fiscalizar a legalidade dos atos e deliberações do CSN;
- d) assistir o presidente em Juízo.

Art. 8 — Cabe aos Diretores de Assistência Social e Educação em conjunto:

- a) encaminhar ao CTC consultas, propostas e sugestões sobre as quais não possam opinar;
- b) estar presente a debates públicos e promovê-los quando de interesse para a CEF;
- c) estar em dia com as entidades oficiais e não oficiais similares;
- d) dirigir com os Diretores Secretários a revista especializada;
- e) seleccionar livros infantis para as granjas-escolas;
- f) providenciar os cursos de preparação dos assistentes sociais;
- g) organizar as provas de seleção de pessoal.

Art. 9 — Compete aos Diretores de RTI:

- a) providenciar a propaganda da CEF;
- b) organizar programas artísticos pró Fundo Nacional;
- c) estimular os sócios aspirantes, através de um plano nacional;
- d) procurar meios de colocar Rádio, Teatro, TV e Imprensa dentro das finalidades da CEF.

## Cap. II — DAS REUNIÕES

Art. 10 — O CSN reunir-se-á mensalmente, com a presença dos conselheiros em maioria.

§ Único — Meia hora depois, a reunião far-se-á com qualquer número, sendo indispensável a presença do presidente, ou vice-presidente, ou diretor executivo.



Art. 11 — As deliberações de âmbito nacional, ou de caráter econômico serão tomadas por escrito, individualmente, no prazo máximo de três dias.

§ Único — O Diretor Executivo recolherá os votos e executará o deliberado por maioria, mandando lançar em ata, as participações de voto.

Art. 13 — As atas serão assinadas pelos Conselheiros, mesmo ausentes, datando a assinatura, quando posterior à reunião.

### Cap. III — DIREITOS E DEVERES

Art. 14 — São direitos dos conselheiros:

- a) votar individualmente nos debates;
- b) eleger e ser eleito para os cargos do CSN;
- c) representar o CSN quando autorizado por ofício.

Art. 15 — São deveres dos conselheiros:

- a) zelar pela execução fiel dos Estatutos da CEF;
- b) comparecer às reuniões e justificar a ausência, com relativa antecedência;
- c) cumprir com fidelidade e altruísmo os deveres da CEF;
- d) comunicar, por escrito ao CSN, seu impedimento segundo os Estatutos.

### Cap. IV — DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16 — As deliberações do CSN serão as previstas nos Estatutos.

Art. 17 — Os conselheiros podem ser reeleitos ou permutar de função após a aprovação da maioria.

Art. 18 — Os conselheiros, por maioria absoluta, podem alterar o Regimento Interno.

Art. 19 — Aprovado este Regimento Interno, serão preenchidas imediatamente as funções, por escrutínio secreto.

Art. 20 — O Regimento Interno entrará em vigor na data de sua aprovação.



moral evangélica, para educar e convencer os moços. E engenho e arte não faltam ao autor para elaborar coisa assim...

Trata-se, entretanto, de um livro de contos. Se todos conservam o cunho espiritualista, nêle se misturam a contos regionais e românticos, um cunho de tragédia que até nos fez lembrar certo livro que publicamos, lá vão anos, com pseudônimo — PROSA DE CALIBAN — que levou João Ribeiro a alterar-lhe a designação para A FERRO E FOGO...

E a dedicatória a seus filhos que são nossos quatro sobrinhos muito queridos. Ora, mais do que justo que essa gente, hoje ainda miuda, veja, de futuro num mesmo livro, o nome do pai e a apresentação do tio...

Isso até emocionou-nos, a seu tanto!

Só por isso, não poderíamos de modo nenhum deixar de atender ao imperativo amigo, recebido dentro de um dia de calor senegalesco.

---

Trata-se de um volume de onze produções.

Para nós, a última é que devia abrir o livro, porque um conto puramente evangélico.

Teria o autor colimado seu alto objetivo? Aquêlê que nos disse ao telefone, que revela nos seus contos espiritualistas, a despeito de seu aspecto múltiplo, desde a tragédia ao patriotismo, desde o regionalismo ao romantismo? Não o sabemos.

Sabemos que é um livro de leitura agradável, atraente mesmo, cuja leitura enleia e atrai a gente.

Só nisto, ainda que lhe faltassem outros méritos, vale bem a pena que seja lido, e meditado, e sentido.

Eis o que espera o seu autor e o autor destas linhas.

Novembro de 1956.

---

IRMÃOS PONGETTI EDITORES  
RIO DE JANEIRO